

## **IMPLANTAÇÃO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA DA CAMPANHA GAÚCHA<sup>1</sup>**

**PALAVRAS-CHAVE:** assentamentos, reforma agrária, sistemas agroflorestais e campanha gaúcha.

**Ulisses Pereira de Mello<sup>2</sup>  
Jamir Centenaro<sup>3</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

Desde a sua criação, no ano de 1984, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) vem construindo uma proposta de agricultura aliada à proteção ambiental. No entanto, no conjunto do Movimento ainda predominava uma visão simplista da reforma agrária, onde se considerava unicamente a distribuição de terras e a destruição do latifúndio. Foi, então, a partir do III Congresso Nacional de 1995 que houve um avanço significativo na elaboração sobre a temática ambiental, com relação aos outros assuntos de interesse do MST. (WAGNER, 1989; GÖRGEN, 1989; STÉDILE, 1997; MELLO, 2000).

Atualmente o tema ambiental está inserido tanto nos trabalhos da área educacional, da capacitação técnica, nos acampamentos e nos assentamentos, quanto nas suas pautas de negociações apresentadas ao governo federal. Especificamente na área florestal, o MST vem desenvolvendo importantes ações, sejam relacionadas à produção direta de mudas nativas e frutíferas, sejam na área educacional. (MST, 1998; MST, 1999).

Neste contexto, onde é crescente no Movimento a preocupação de conciliar reforma agrária e proteção ambiental, o presente trabalho surgiu de uma demanda dos assentamentos da Região da Campanha do Estado do Rio Grande do Sul visando realizar um estudo sobre a cobertura florestal naquela região. Em especial, avaliar as potencialidades de implantação de sistemas agroflorestais.

### **MATERIAL E MÉTODOS**

Em avaliação conjunta com técnicos e dirigentes do MST, foram escolhidos como área de estudo os seguintes assentamentos: São Leopoldo, localizado no município de

---

<sup>1</sup> - Agradecimentos ao Deputado Federal Adão Pretto (PT/RS) que no ano de 2000 apresentou Emenda Parlamentar ao Orçamento da União, garantindo os recursos necessários para a execução dessa pesquisa.

<sup>2</sup> - Extensionista Rural da Emater/RS e Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Unidade São Borja, Engenheiro Agrônomo (UFU), Mestre em Agroecossistemas (UFSC). End.: Rua Eurico Batista da Silva, 209 CEP: 97.670-000 São Borja-RS End. Eletr.: ulisses-mello@uergs.edu.br

<sup>3</sup> - Engenheiro Florestal (UFSM), técnico do Convênio INCRA-EMBRAPA. End. Eletr.: jacem@bol.com.br

Santana do Livramento; Conquista da Fronteira, no município de Hulha Negra; 20 de Agosto, no município de Candiota; Globo, no município de Pinheiro Machado; 8 de Maio, no município de Piratini; São Virgílio I, no município de Erval e Potreiro da Torre, no município de Arroio Grande.

A própria pesquisa, pelo seu caráter participativo, é considerada parte de uma experiência educativa, visando aumentar a consciência da comunidade com relação aos problemas decorrentes da pequena cobertura florestal existente ou do manejo inadequado dos remanescentes nos assentamentos.

O desenvolvimento do trabalho ocorreu através de duas pesquisas de campo, realizadas durante o mês de abril de 2001, utilizando instrumentos participativos, visando discutir principalmente os limites e as potencialidades para trabalhar a questão florestal/implantação de sistemas agroflorestais nos assentamentos. (GEILFUS, 1997; HAGUETTE, 1997; DESLANDES, 1999).

Participaram das duas pesquisas de campo oito técnicos e 42 assentados – destes, seis da direção do MST - perfazendo um total de 50 pessoas envolvidas. O critério básico para a escolha dos informantes-chave foi o conhecimento da história e da cobertura florestal do assentamento.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É comum entre os assentados manejar o pasto evitando o corte das árvores, compondo grandes mosaicos de sistemas silvipastoris. Devido ao ventos fortes e ao frio intenso, as árvores fazem parte de uma estratégia para proteger seu rebanho e as próprias pastagens.

Especialmente nos assentamentos de Hulha Negra e de Piratini é possível observar a construção de quintais agroflorestais. De modo geral, nos assentamentos há também o aproveitamento do potencial das matas nativas para a criação de suínos (agroflorestas para suínos), e plantio agrícola (agrossilvicultura). (COPIJN, 1988; FARREL, 1989; DUBOIS, VIANA e ANDERSON, 1996).

Mesmo nos assentamentos mais recentes, como no caso de Arroio Grande, os assentados vem realizando plantios florestais. Entre as espécies mais plantadas estão a uva-do-japão, eucalipto, acácia, angico, guajuvira, canela, cinamomo e cipreste. Além das florestais, plantaram também frutíferas, principalmente figo, ameixa, pêsego, pêra, bergamota, abacate, amora, ameixa e laranja.

Nos assentamentos de Pinheiro Machado, Hulha Negra, Candiota e Erval plantaram mudas florestais em 1999, principalmente eucalipto e acácia negra, vindas Governo Estadual. Contudo, a maioria das mudas foi perdida, principalmente pela seca do período.

Em Hulha Negra, por ser um assentamento mais antigo (1989), várias iniciativas já foram realizadas visando o (re)florestamento da área. No início, produziram em torno de 40 mil mudas de 74 espécies por dois anos consecutivos, principalmente eucalipto e acácia, com recursos próprios. Fruto deste trabalho, hoje o assentamento conta com vários capões, alterando bastante a paisagem original.

Em face da sua grande área de cobertura florestal, em Piratini os assentados têm investido mais no plantio de frutíferas para o auto-consumo e de eucalipto para extração de madeira.

Noutra situação, em Santana do Livramento, devido a pequena cobertura florestal, no início alguns assentados utilizaram recursos do fomento para compra de mudas florestais, a maioria de eucalipto, com o objetivo de obter madeira em tempo mais rápido.

As principais limitações para desenvolver o trabalho florestal/sistemas agroflorestais nos assentamentos pesquisados podem ser assim resumidas: existência de solos rasos (litossolos) com afloramento de rocha e cascalho em vários locais; existem grandes áreas de solo excessivamente argiloso; precipitação insuficiente no verão; águas subterâneas salobras (excesso de sódio e cálcio); ventos fortes; ataques de formigas; ataque freqüente de animais (perai e caturrita); falta de estradas; falta de energia elétrica; falta de sementes florestais; falta de recursos financeiros; possuem memória agrícola de trabalho com carvão no Alto Uruguai (Piratini); pouco conhecimento da floresta nativa e florestal de modo geral; e falta uma visão de conjunto sobre os problemas ambientais.

Como principais potencialidades para desenvolver o trabalho florestal/sistemas agroflorestais podem ser citados o trabalho cooperativo existente; o conhecimento florestal presente nas comunidades vizinhas; as experiências realizadas de plantio florestal; e a organização do MST, tanto compreendido enquanto sujeito pedagógico, quanto como um coletivo que atua no sentido de uma agricultura sustentável. (STÉDILIE e GÖRGEN, 1993; CALDART, 2000).

A situação vivida pelos assentados, onde a cada ano se torna mais difícil viabilizar a produção nos lotes, é mais um elemento que pode impulsioná-los na busca de alternativas. O fato de utilizarem em média 20,59% da área total dos lotes para produção agrícola, conforme tabela abaixo, ilustra essas dificuldades. Pode haver, neste caso, uma maior

abertura para a inovação, já que a agricultura tradicional não está conseguindo lhes garantir as condições mínimas de sobrevivência.

## TABELAS E FIGURAS

**TABELA** – Uso da terra em Projetos de Assentamento da Região da Campanha Gaúcha - 2001.

PROJETOS DE ASSENTAMENTOS	USO DA TERRA (HA)			
	Produção bovina	Agricultura	Improdutivo	Área total
São Leopoldo <sup>1</sup>	20	04	02	26
Conquista da Fronteira <sup>2</sup>	19	03	03	25
20 de Agosto <sup>3</sup>	12	04	02	18
8 de Maio <sup>4</sup>	15	04	04	23
Globo <sup>5</sup>	13	10	10	33
São Virgílio I <sup>6</sup>	10	06	08	24
Potreiro da Torre <sup>7</sup>	15	04	02	21
TOTAL GERAL	104	35	31	170
Total (%)	61,18	20,59	18,23	100

**FONTE:** (MELLO e CENTENARO, 2001).

**NOTA:** 1- Santana do Livramento, 2- Hulha Negra, 3- Candiota, 4- Piratini, 5- Pinheiro Machado, 6- Erval e 7- Arroio Grande.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COPIJN, A.N. **Agrossilvicultura sustentada por sistemas agrícolas ecologicamente eficientes**. Rio de Janeiro : AS-PTA, 1988.
- DUBOIS, Jean C.L.; VIANA, Virgílio Maurício; ANDERSON, Anthony B. **Manual agroflorestal para a amazônia**. Rio de Janeiro : REBRAF, vol. 1, 1996.
- FARRELL, John G. Sistemas agroflorestais. In: ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia : as bases científicas da agricultura alternativa**. 2. ed. Rio de Janeiro : FASE/PTA, 1989. p. 159-167.
- GEILFUS, Frans. **80 herramientas para el desarrollo participativo** : diagnóstico, planificación, monitoreo e evaluación. San Salvador : Prochamate/IICA, 1997.
- HAGUETTE, Teresa Maria F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 5. ed. Petrópolis : Vozes, 1997.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia em movimento** : escola é mais do que escola. Petrópolis : Vozes, 2000.
- MELLO, Ulisses Pereira de. **A utilização agrícola das áreas de mata ciliar degradada** : estudo de caso no Projeto de Assentamento União da Vitória, Fraiburgo-SC, Brasil. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas.
- \_\_\_\_\_; CENTENARO, Jamir. **Consultoria em sistemas agroflorestais e planejamento ambiental** : diagnóstico preliminar. Porto Alegre : COCEARGS, 2001.
- MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Campanha Nacional de plantio de árvores. **Jornal Sem Terra**. São Paulo, n. 185, dez. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Plantando seremos milhões**. São Paulo : Peres, 1999.
- STÉDILE, João Pedro; GÖRGEN, Sérgio. **A luta pela terra no Brasil**. São Paulo : Scritta., 1993.
- WAGNER, Carlos. **A saga do João Sem Terra**. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1989.